

FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPREENSÃO ACERCA DO TRABALHO DOCENTE

Tatiane Dalpério Toninato¹

O trabalho com crianças pequenas sempre foi pauta de diversas discussões em âmbito institucional, eventos acadêmicos-científicos, e em diferentes espaços de diálogo da comunidade civil. Um dos motivos pelo qual essa inquietação ocorre é o fato de ser a reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica brasileira (de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases Nacional Brasileira - LDB número 9394/96), por ser uma modalidade de ensino com uma especificidade de trabalho com a criança de 0 a 6 anos, que necessita não só de cuidados com a higiene corporal, mas de uma educação que articule o cuidar e o educar.

Nesse contexto, faz-se necessário considerar o processo histórico da Educação Infantil no Brasil, que, assim como em outros países, concebia o de trabalho com a criança pequena com uma visão assistencialista e compensatória, e que com o passar do tempo, essas concepções foram sendo ressignificadas, possibilitando um novo olhar sobre o sujeito criança e o papel do profissional que atuava/atua nessas instituições.

Mediante esse contexto divergente de concepções acerca da criança pequena, o presente texto pretende discutir a formação da identidade profissional dos professores que atuam com crianças de 0 a 3 anos na cidade de São Paulo/SP – Brasil, que inseridos nesse contexto educacional buscam ressignificar o trabalho docente nas instituições de Educação Infantil.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente/SP, e Professora de Desenvolvimento Infantil no município de São Paulo. E-mail: tatidato@yahoo.com.br. Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria Guimarães – Professora titular da FCT/UNESP.

Para melhor análise e compreensão da temática, iremos problematizar algumas questões referentes à profissionalização docente dos profissionais que atuam com crianças pequenas em instituições de Educação Infantil na cidade de São Paulo/SP; identificar o perfil profissional e categorizar alguns elementos que contribuem com a formação da identidade desses professores, bem como analisar as concepções de criança, instituição de Educação Infantil e trabalho docente na prática educativa.

Partimos do pressuposto de que a formação da identidade profissional é um processo dinâmico, construído historicamente, biográfico e co-relacional. Nesse sentido, as considerações que iremos discorrer no texto sobre a formação identitária dos professores estão implícitas e explícitas essas correlações de experiências subjetivas e coletivas.

Quando pensamos em criança, logo construímos uma imagem sobre o que é ser criança e atribuímos características específicas para distinguir dos demais sujeitos. Ora podemos conceber como um ser ingênuo, pequeno, incapaz de se comunicar e interpretar o mundo, ora podemos concebê-lo como um sujeito com múltiplas linguagens, que consegue se comunicar e expressar com o mundo de diferentes formas, como, por exemplo, através de um sorriso, de um choro, de balbucios. Essa imagem acerca do sujeito criança, é construída historicamente através da formação individual de cada sujeito, que se constitui mediante as interações que se estabelece com o mundo. Essas interações contribuem para a formação de nossos valores, crenças e concepções. Didonet (2001, p.11) salienta “a criança é, em grande parte, o imaginário dos seus pais e da sociedade”.

Levando em consideração o processo evolutivo e de construção histórica dos sujeitos, podemos analisar também, a formação da identidade profissional dos professores, que ao longo do tempo foi se consolidando enquanto categoria, enquanto sujeitos construtores de conhecimento, portadores de direitos e deveres frente à sociedade.

Ao se pensar na identidade do sujeito criança e do sujeito professor, podemos problematizar inúmeras questões no que se refere ao seu papel na sociedade atual, como, por exemplo, o trabalho sistematizado no exercício da docência, a compreensão da especificidade da criança cujo ritmo e tempo são diferenciados dos adultos. Tristão (p.03) aponta que a sociedade capitalista “valoriza os resultados rápidos com lógicas estruturantes”, desta forma, objetiva a articulação do binômio custo-benefício, e essa lógica do modo de produção está inserida também, no contexto educacional.

Contudo, faz-se necessário salientar que as práticas educativas decorrentes do trabalho com a criança pequena, não necessariamente condizem com as propostas de desenvolvimento acelerado da sociedade capitalista, pois de acordo com as concepções que emergem nas instituições de Educação Infantil há a construção de um percurso paralelo, pois se compreende que as crianças possuem ritmos e tempos diferentes de aprendizagem.

Em âmbito institucional, também constatamos diferentes modos de compreender e interpretar a identidade e o papel da instituição de Educação Infantil, como, por exemplo, ser considerada como um depósito de criança e/ou um espaço significativo para a socialização das crianças em grupo, de interação e estimulação de diferentes situações de aprendizagem.

No entanto, se analisarmos brevemente a evolução histórica da formação das concepções de criança, Instituição de Educação Infantil e de trabalho docente, constataremos nos discursos, práticas e documentos escritos, diferentes formas de olhar e entender a criança, bem como papel da Instituição de Educação Infantil e do professor ou do profissional que atua nesses espaços.

É importante ressaltar que de acordo com a LDB 9394/96 a Educação Infantil é caracterizada com o atendimento de crianças da faixa etária de 0 a 6 anos, subdividindo-a em creche para crianças de 0 a 3 anos e pré-escola para crianças de 4 a 6 anos.

Para melhor compreensão sobre o perfil profissional e identitário dos professores de Educação Infantil, iremos recorrer a Ariès (1981), que em releitura e interpretação de obras artísticas aponta o sentimento de infância construído na sociedade europeia, e nos possibilita a análise da formação da concepção sobre a criança em nossa sociedade, que segundo o autor, a criança era representada nos quadros como personagens pequenos, mas com características e expressões de adultos, ou seja, “homens de tamanho reduzido” (51), e “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia fixar na lembrança” (p.56).

No entanto, não é difícil verificar através dos discursos dos atores e agentes que atuam diretamente com a criança pequena nos dias atuais essa representação sobre a infância e a criança.

Com relação às instituições de Educação Infantil Rossetti-Ferreira, Amorim e Vitória (?) apontam a dificuldade da sociedade em compreender a existência de inúmeros espaços educativos e de formação da criança pequena que não seja somente o núcleo familiar, ou seja,

contextos de desenvolvimento diversos, como o cuidado coletivo de crianças pequenas em creche, são encarados como “mal necessário”, por constituírem um risco ao desenvolvimento sadio da criança e aceitáveis apenas naqueles casos em que a mãe ou família não tem condições de criar o filho em casa.

É nesse contexto que o profissional que atua diretamente com a criança pequena nas instituições de Educação Infantil vem construindo sua identidade. Áries (1981) enfatiza que na Europa, a educação da criança pequena era de responsabilidade das amas, e com o passar do tempo, especificamente no século XVII, os retratos apontavam que “cada família queria possuir um retrato de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda não eram criança” (p.61), ou seja, começou-se a construir um sentimento de infância na família, e

que a priori não era vista como um sujeito com necessidades e características diferenciada dos adultos. A responsabilidade da criança passou então, a ser da família, prioritariamente da figura feminina.

Pulino (2001, p.30) ao discutir sobre a expectativa e o sentimento gerado pelos pais da notícia de uma gravidez e a relação entre o acolher e o educar, aponta que antes mesmo do nascimento da criança é construída uma imagem representativa de como será (características físicas) e o que será essa criança (características sócio - culturais), bem como surgimento de questões

de que tipo de relacionamento entre os pais se origina; se foi gerada, gestada ou nascida de modo considerado satisfatório; se é só uma ou se são gêmeas, se é menina, ou menino; a que etnia e classe social pertencem os pais, qual sua condição econômica e cultural. Enfim, essas e outras questões são colocadas ou não e são mais ou menos valorizadas na constituição da promessa social da criança, dependendo de fatores como a época e o lugar onde nasce a criança.

Em meio a esses divergentes tipos de sentimentos construídos sobre a infância e a criança, Haddad (1993) em pesquisa realizada sobre a identidade da creche problematiza a questão do sentimento gerado pelas profissionais que atuam com as crianças pequenas nas instituições de Educação Infantil como relações conflitantes, pois o papel dos sujeitos que nela atuam não está bem definido.

De acordo com esse panorama de contextos convergentes e divergentes de concepções, podemos considerar um marco histórico no Brasil o surgimento da creche, que nos possibilita compreender melhor alguns conceitos e práticas sobre o trabalho das profissionais nas instituições de Educação Infantil.

A creche surgiu em um período de transição da vinda do homem do campo para residir na cidade e trabalhar nas fábricas e indústrias (que estavam em crescente expansão). Nesse sentido, precisava-se então, de mão de obra para trabalhar nessas indústrias. Com essas mudanças ocorridas no modo de vida da população, as mulheres começaram a adentrar ao mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar, bem como reivindicar espaços físicos (instituições) para deixar seus filhos durante o período em que permanecia no trabalho.

Nesse contexto, a creche se caracterizou com objetivos de compensar as possíveis carências afetivas, sociais e econômicas das famílias com relação à educação e cuidado de seus filhos. Pois somente as famílias de baixa renda é que colocavam seus filhos nessas instituições. Várias vertentes institucionais foram inseridas na creche, como, por exemplo, o assistencialismo, hospitalar e familiar (sendo este, considerado como substituto da mãe).

Haddad (1993, p.101) identificou em sua pesquisa:

a preocupação excessiva com a saúde e higiene da criança: cinco refeições por dia, a higiene completa (banhar, lavar a cabeça, limpar as dobras, os ouvidos, tirar piolhos, cortar as unhas, lavar as mãos, escovar os dentes), os curativos, o repouso obrigatório, a preocupação com o aumento de peso das crianças e a exigência para que fossem embora para casa limpas, arrumadas e com os cabelos penteados. [...]a creche assistencialista não tem o objetivo de compartilhar e sim apropriar-se.

No tocante a essa concepção constataremos que o papel do profissional que atuava/atua nas instituições de Educação Infantil era assemelhado ao papel da mãe, pois todas as atribuições estavam relacionadas aos cuidados básicos de sobrevivência da criança.

Perante esse quadro, nos perguntamos qual identidade profissional do professor que atua com crianças de 0 a 3 anos nas instituições de Educação Infantil?

Mediante essa breve contextualização histórica da criança, da instituição de Educação Infantil e do profissional que atua com as crianças pequenas, temos no município de São Paulo/SP, um salto qualitativo no que se refere à formação do professor. No ano de 2004 com a homologação de um concurso para Professor de Desenvolvimento Infantil, possibilitou a discussão e a reflexão sobre a necessidade apontada pelo artigo 62 da LDB 9394/96, com relação à exigência de formação específica - seja em cursos de formação em nível médio (Magistério) e/ou superior – e a necessidade de complementaridade da formação continuada dos professores para trabalhar com as crianças pequenas

Constatamos, no entanto, que há uma preocupação com os saberes necessários e fundamentais que irão permear o trabalho docente nas instituições de Educação Infantil.

Contudo, podemos considerar uma mudança significativa na concepção, utilização e apropriação da nomenclatura de Professor, não mais Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI), pajem, crecheira, entre outros. Essa concepção e uso da terminologia professor, está implícita a necessidade de formação escolar, a relação processual do conhecimento adquirido através da experiência familiar, religiosa, acadêmica, social, cultural do sujeito, e a interdependência da formação inicial e continuada, ou seja, a construção de conhecimento advém da interação com o mundo, com a apropriação do conhecimento acumulado historicamente, com socialização de idéias e pontos de vista.

Esse panorama nos instiga a elaborar algumas questões referentes a: Como o professor constrói sua identidade partindo de experiências assistencialistas e compensatórias na Educação Infantil? Como o professor constrói sua identidade partindo de mudanças significativas na Educação Infantil a partir da inserção no campo educacional? Como o professor constrói sua identidade através de suas vivências e troca de

experiência como o outro? Como o professor constrói sua identidade tendo como parâmetro os modelos de educação do ensino fundamental (onde, de acordo com o modelo de ensino tradicional o professor é aquele que transmite o conhecimento, utiliza como recursos didáticos como, por exemplo, o livro, caderno, a aplicação de avaliações, atribuição de notas, elaboração e execução de reuniões pedagógicas e pais, cursos; e o aluno é aquele que recebe as informações e reproduz o conhecimento transmitido no decorrer das aulas) e na educação infantil (com crianças de 0 a 3) não se utiliza desses instrumentos?

Haddad (1993) aponta que a construção da identidade profissional é contínua e processual, e destaca a importância da formação em serviço para compreensão de aspectos internos que passam a fazer parte do cotidiano da creche e não são percebidos como problemáticos e vistos com estranhamento pelos sujeitos, pois estão incorporados e já fazem parte da rotina da instituição. A autora ressalta também, que muitas vezes, a própria instituição atribui ao profissional o caminho que deve ser percorrido durante a prática educativa, pois a exemplo da pesquisa destaca que:

na verdade, atribuímos às pajens a função de dar afeto às crianças, como uma mãe a seu filho, ignorando o fato de que na espécie humana não existem mães com vinte filhos da mesma idade para criar de uma só vez!
(1993, p.103).

Cerisara (2002, p.50) contribui com a seguinte reflexão ao discutir que:

o conflito reside, entre outros fatores, na identidade dessa instituição em relação ao domínio a que pertence, pois é a partir dele que sua função social e educativa pode ser definida e, como decorrência, a identidade que a profissional deve ter, em concordância com a identidade e funções assumidas pela instituição.

Ou seja, para que o profissional se reconheça como um sujeito em constante processo de formação e cujo papel dentro da instituição de Educação Infantil não se restringe às concepções de práticas automatizadas e mecânicas como dar mamadeira, dar banho, colocar para dormir entre outros aspectos relacionados à rotina da instituição, mas que esse profissional consiga ressignificar o sentido dessas práticas educativas, tanto para o sujeito que efetua como aquele que participa diretamente ou indiretamente da ação.

Ciampa (1990, p. 131) ao contrapor a formação da identidade de dois sujeitos distintos – com realidades diferentes (Severino e Severina) – em sua tese de doutoramento, nos alerta ao dizer que:

interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem. Até certa fase esta relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se menos direta e visível; torna-se mais seletiva, mais velada (e mais complicada).

O autor complementa a discussão pontuando que “é necessário vermos o indivíduo não mais isolado, como coisa imediata, mas sim como relação. Só assim ele pode ser determinado pelo que não é ele, pelo que o nega” (p.137), ou seja, a percepção que temos de nós mesmos e do outro contribui para a formação de nossos valores, concepções, leitura de mundo e conseqüentemente, na construção da nossa identidade.

Nessa perspectiva, para que a formação identitária dos professores de Educação Infantil seja constituída com características próprias da profissionalização docente, é necessário que haja a reflexão-ação-reflexão constante sobre sua prática, bem como a busca de conhecimentos específicos para a superação da visão assistencialista construída historicamente. Pois se a Educação Infantil é parte integrante do sistema educacional brasileiro é importante que os conteúdos e práticas desenvolvidos nas instituições sejam condizentes com proposta de formação da criança como sujeito integral, e que o professor

esteja instrumentalizado com saberes necessários para o exercício da docência com a criança pequena.

Referências Bibliográficas

CERISARA, Ana Beatriz. Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

CIAMPA, Antonio. A estória de Severino e a história de Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1994.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio...para onde vai...Revista Em Aberto, Brasília, v.18, nº 73, 2001, p. 11-27.

HADDAD, Lenira. A creche em busca de identidade. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

PHILIPPE, Áries. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Ed. Guanabara Koogan S.A, 1981.

PULINO, Lúcia Helen Cavasin Zabotto. Acolher a criança, educar a criança: uma reflexão. Revista Em Aberto, Brasília, v.18, nº 73, 2001, p. 29-40.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria C; AMORIM, Kátia S; VITÓRIA, Telma. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. (?)

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. (?)

Formação identitária dos professores de Educação Infantil: compreensão acerca do trabalho docente

Tatiane Dalpério Toninato

Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e discutir o perfil profissional e a formação identitária dos Professores que atuam com crianças de 0 a 3 anos na cidade de São Paulo/SP. Para analisar a formação identitária do professor recorreremos brevemente a alguns pressupostos teóricos para compreender a dinâmica da formação identitária, tais como a análise do processo histórico da Educação Infantil, aspectos da formação de professores, concepções de criança, de instituição de Educação Infantil e trabalho docente.